

VIVI PARA CONTAR



'Quero escrever um livro sobre uma pessoa que tem um braço mágico'

A escritora Roseana Murray teve alta ontem, após ser gravemente ferida por um ataque de cães. Em casa, relembrou o episódio, esbanjou alegria de viver e dividiu planos para o futuro

CAMILA ARAÚJO
em @imglobomg em 19

Sob aplausos da equipe médica, de parentes e de amigos, a escritora Roseana Murray, de 73 anos, teve alta na manhã de ontem do Hospital estadual Alberto Torres, em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio, na mesma data em que se comemora o Dia Nacional do Livro Infantil. Ela passou 13 dias internada na unidade de saúde, após ser atacada por três cães da raça pitbull em Saquarema, na Região dos Lagos, onde mora.

A escritora trocou os corredores antes de deixar o hospital e deve retornar à unidade na próxima terça-feira para uma avaliação dos cirurgiões. Ela perdeu o braço direito e uma orelha. No rosto, dezenas de pontos mostram a violência do ataque. Médicos e enfermeiros dizem que a recuperação da autora de mais de cem livros infantis foi surpreendente.

Roseana iniciava a sua caminhada matinal quando cães de uma casa vizinha fugiram e a atacaram. Diante da gravidade dos ferimentos, foi transferida para o hospital em um helicóptero do Corpo de Bombeiros. Três tutores dos animais chegaram a ser presos.

De volta ao imóvel de parede amarela, com janelas e portas azuis, ela reencontrou no quintal a plaquinha onde se lê "Casa de Iam y Roseana". O casal vive em Saquare-

ma há 20 anos. A autora só fala das dores que sente quando perguntada. Na maior parte do tempo, expressa a alegria de estar viva e faz planos de transformar o que lhe aconteceu em algo bom.

RELATO DE ROSEANA

"Eu vivo em Saquarema em uma casa muito bonita, com o meu marido, o espanhol Juan Arias. A gente tem uma vida quase de convento, porque eu não desisti, nem passei o tempo aqui em casa. Eu sou paciente renal, então tem uma comida muito regulada. Nossa vida não tem novidades. As novidades são os livros que escrevo, os meus eventos aqui em casa. A gente fica aqui à noite, eu passo o dia lendo, escrevendo. Tenho uma parceira que está fazendo livros de poesia comigo que já vão sair — e que está comigo na minha casa para

ajudar a cuidar de mim, a Felipe Martins. Minha vida é essa: ler e escrever.

De manhã cedo vou para a academia. Acordo às 4h50, faço meu café, cuido dos gatinhos, tomo banho, me visto e saio de casa. Nesse dia foi assim. Eu tomei o meu café, tomei banho, me vesti. Quando cheguei lá fora, eu vi que os pitbulls estavam soltos e que o portão estava aberto. Mas, não sei por que, eu não desisti, nem passei o tempo aqui em casa. Eu sou paciente renal, então tem uma comida muito regulada. Nossa vida não tem novidades. As novidades são os livros que escrevo, os meus eventos aqui em casa. A gente fica aqui à noite, eu passo o dia lendo, escrevendo. Tenho uma parceira que está fazendo livros de poesia comigo que já vão sair — e que está comigo na minha casa para

ajudar a cuidar de mim, a Felipe Martins. Minha vida é essa: ler e escrever. De manhã cedo vou para a academia. Acordo às 4h50, faço meu café, cuido dos gatinhos, tomo banho, me visto e saio de casa. Nesse dia foi assim. Eu tomei o meu café, tomei banho, me vesti. Quando cheguei lá fora, eu vi que os pitbulls estavam soltos e que o portão estava aberto. Mas, não sei por que, eu não desisti, nem passei o tempo aqui em casa. Eu sou paciente renal, então tem uma comida muito regulada. Nossa vida não tem novidades. As novidades são os livros que escrevo, os meus eventos aqui em casa. A gente fica aqui à noite, eu passo o dia lendo, escrevendo. Tenho uma parceira que está fazendo livros de poesia comigo que já vão sair — e que está comigo na minha casa para



Recomeço. Roseana deu para a reportagem do GLOBO o primeiro autógrafo que fez com a mão esquerda

pedaço do rosto. Ela estava em um povoado, que tinha uma boa relação com os urso, foi fazer um passeio e quis descer sozinho. Ficou desatenta e deu de cara com o urso.

Eu acho que fiquei desatenta. Eu não pensei que três pitbulls soltos num lugar onde eu iria passar poderiam gerar uma tragédia. Eu não pensei. Eu estive totalmente desatenta a isso. Não pensei 'então, não vou', que era o que eu deveria ter pensado.

'ELES COMERAM MEU BRAÇO'

Os três vieram e me atacaram ao mesmo tempo. Me derrubaram e eu não sei como eu consegui me proteger, porque eles chegaram até a beirar dos meus olhos. Eles feriram muito gravemente também o meu braço direito. Essa mão que, para mim, ainda está aqui, e esse braço, eles esmagaram, comeram.

Fiquei gritando 'socorro, vou morrer! Socorro, alguém me socorre!', mas não tinha ninguém. Era muito cedo. Mas tinha um maratonista correndo e, acompanhando ele, um homem de carro. Eles me viram, e o motorista conseguiu colocar os cachorros dentro da casa. Ali eu sabia que eles não iriam mais me atacar, mas já estava muito fraco. Eu tinha perdido muito sangue, foram três litros. De repente, começaram a aparecer outras pessoas. Uma delas era o meu coveiro, que tinha ido deixar a esposa na academia. Eu só gritava 'alguém faz alguma coisa por mim'.

Depois os bombeiros chegaram, me colocaram na ambulância e me falaram que ia chegar um helicóptero. Eu sentia muita dor. Pedia remédio, mas disseram que só poderia dentro do helicóptero. Foi meu primeiro voo. Assim mesmo, eu achei lindo!

Quando chegamos ao hospital já tinha uma equipe me esperando. Eu não lembro muito bem. Me entubaram, fui operada. As pessoas falavam em fratura exposta. Eu sentia a mão direita toda esmagada. Eu só fui tomar consciência depois que me desentubaram. Quando o André, meu filho, chegou, eu perguntei: 'André, meu braço?'. E ele falou: 'Você perdeu o braço, mãe'. Eu respondi: 'Mas não dava para salvar o meu braço?', e ele disse: 'Não dava, mãe. Ou era o braço, ou era você'. Não tinha salvação. Estava totalmente destruído. Eles comeram meu braço.

Eu tenho a cena da minha cabeça apoiada debaixo do meu braço, que foi a grande proteção, porque eles não destruíram o meu rosto, como aconteceu no caso da mulher atacada pelo urso. Foram 13 dias de muita dor, mas fiquei bem. Hoje é o meu aniversário. No meu braço, tenho esse corte. Ele dói, mas o que dói mesmo é o braço inteiro e a mão, que ainda sinto toda esmagada. Uma dor alucinada.

Foi uma surpresa maravilhosa esse hospital, os médicos e enfermeiros tão amorosos. Foi a melhor surpresa da minha vida. Todos trabalhando numa única orquestração para o paciente ficar bem. Tem que valorizar o SUS. Eu gostaria que todos os hospitais fossem assim, que os brasileiros não precisassem esperar um ano na fila por uma cirurgia. Vou fazer um sarau no hospital e vou doar um livro para cada pessoa que cuidou de mim autografado com a mão esquerda.

Também quero escrever um livro infantil sobre uma pessoa que tem um braço mágico, no lugar do amputado. Tive essa ideia no segundo dia. Precisava muito fazer alguma coisa com esse braço desaparecido para eu aguentar.

Comício e festa. Após 13 dias de internação, Roseana Murray deu alta e Hospital Estadual Alberto Torres sob aplausos da equipe médica



"Eu respondi: 'Mas não dava para salvar o meu braço?', e ele (André, o filho) disse: 'Não dava, mãe. Ou era o braço, ou era você'."

"Foi uma surpresa maravilhosa esse hospital, os médicos e enfermeiros tão amorosos. Foi a melhor surpresa da minha vida. Todos trabalhando numa única orquestração para o paciente ficar bem. Tem que valorizar o SUS."